
A VÉSPERA

Passei os últimos dias me preparando para experimentar São Paulo na véspera da abertura da Copa do Mundo. Imaginei que enfrentaria manifestações, greves, aeroporto ainda em obras, gente demais, desorganização e filas, filas, filas.

Cheguei a Congonhas por volta das 11h e, pela primeira vez, a espera pelos táxis não estava grande. Fui pegar o ônibus da Gol para Guarulhos esperando que houvesse tumulto. Nada disso, antes mesmo de estar lotado, ele deixou o sul da cidade para atravessá-la na direção norte. No eixo Ruben Berta – 23 de Maio, o trânsito estava lento até chegar à altura da Assembleia Legislativa. A partir daí, tudo fluiu e, em 45 minutos, estava chegando a Guarulhos, pensando: “Agora sim, a confusão será enorme!”.

De novo, tudo tranquilo. Havia diversos jovens vestidos de azul, com a inscrição na camiseta *Staff*, dando orientações para quem chegava, em mais de uma língua. Como entrei pelo setor do desembarque, pude logo ver que muita gente transitava e é sobre isso que quero escrever.

O público que circula hoje por Guarulhos é um pouco diferente do usual, ou ao menos mais diversificado. Os executivos de sempre estão aqui; os turistas que viajam com frequência também, com suas roupas confortáveis e bagagens descoladas; os que andam de avião pela primeira vez com suas malas formando conjuntinhos estão em número cada vez mais significativo; os estudantes que saem em direção aos Estados Unidos, Canadá ou Austrália, para os cursos de inglês, já começam a aparecer em turminhas com as camisetas dos agenciadores; os jovens casais e os casais maduros em férias fazem a gente pensar que a viagem aérea é um tipo de consumo cada vez mais popular.

O que há de diferente? Os fantasiados para a Copa do Mundo!

Eles formam um *time* à parte, sem querer fazer qualquer trocadilho. Podemos dividi-los em três tipos: os discretos, os indiscretos e os brasileiros. Sei que se trata de uma tipologia estranha, mas vocês vão me entender.

Os discretos são aqueles que, apenas, presumo que estão chegando para a Copa do Mundo, ou seja, eles sequer parecem que são torcedores, mas fico imaginando que podem ser. Vê-se logo que são estrangeiros, porque, no geral, denunciam-se pelo branco da pele que nunca toma sol, pelo uso desajeitado de roupas de verão, quando aqui estamos no inverno, e pelos rostos procurando informações e gaguejando em inglês para formular suas perguntas em guichês ocupados por informantes que também gaguejam a procura do vocabulário que não vem à ponta da língua, quando mais se precisa dele.

Fico me perguntando de onde vieram, porque neste grupo dos discretos estão aqueles cujas línguas não reconheço – Holandeses ou suiços que falam o retro-romano? Sul-coreanos ou japoneses? Russos ou ucranianos? Não importa. O que me faz os reunir no mesmo grupo é o fato de que todos trazem no semblante a expressão da dúvida, quase um pouco de medo, como se quisessem fazer sair pela boca a pergunta que está no olhar: “Será que dá para confiar neste país?” A sorte deste nosso rincão tropical ao sul do Equador é que as mocinhas e rapazes do *staff* são simpáticos e bonitos, o que ajuda logo a quebrar o gelo e arrefecer a insegurança estrangeira.

O segundo grupo são os indiscretos. Estes fazem questão de mostrar a todos que vieram para torcer por seus países. Andam sempre em turma, no mínimo, em trios. Vários deles vestem camisetas das cores de suas bandeiras, trazem bonés ou chapéus indicando que esperam encontrar um país ensolarado, falam alto, tiram fotos sem parar, geralmente *selfies*, dão risadas e os vários rapazes mexem com as mocinhas super maquiadas que estão nos inúmeros quiosques que se multiplicaram pelos corredores do aeroporto, tornando o espaço ainda mais exíguo. Algumas oferecem assinaturas das revistas da Abril; outras procuram atrair consumidores para a Brigaderia; algumas vendem seguros saúde e outras sonhos, distribuindo

folders para arregimentar os turistas para shows dançantes que entrarão pela madrugada com mulatas e mulatos gingando para exibir a beleza brasileira; há as que, apenas, circulam conversando em seu horário de almoço.

Este segundo grupo tem suas particularidades e duas delas merecem destaque. Os estadunidenses logo demonstram que a elegância não é o forte deles: estão trajados com camisetas com as cores de sua bandeira, mas combinam isso com tênis verde limão ou laranja cítrico e bonés e mochilas multicoloridos. Os mexicanos são os mais mexicanos, ou seja, nenhum grupo faz tanta questão de mostrar de onde vêm como eles; quase todos têm bigode e muitos carregam um chapéu enorme, sejam os negros enfeitados estilo “tocadores de mariachi”, sejam os típicos sombreiros, em cujas abas escreveram ou “México” ou “Gooooool”; carregam cornetas; compõem grupos maiores e se comportam como se a sua seleção fosse favorita (será que é e eu não sei?).

O terceiro grupo é dos brasileiros, que compõem uma “fauna” difícil de ser encaixada nos dois primeiros estratos. Sei que pode parecer que estou defendendo a tese de que não há como classificar os brasileiros como discretos e indiscretos, o que tornaria dispensável a terceira categoria, mas já aviso: quando são discretos, os brasileiros o são menos que os outros e quando são indiscretos radicalizam no direito de sê-lo. Já seria assim se eu estivesse falando de qualquer aeroporto no mundo, mas estou falando de um brasileiro, justamente na véspera da abertura da Copa do Mundo, referindo-me a um povo que pensa que Deus nasceu aqui e que ninguém tira a taça da gente (vamos vingar 1950!).

Fazem mais barulho que todos, não apenas porque falam alto, mas também porque não deixam de conversar ao celular. Exacerbam no direito de serem deselegantes: os ricos (ou os quase ou não tanto ricos) carregando as marcas das roupas que compram de grifes que se estampam cada vez mais espalhafatosamente nos metais das bolsas, nos desenhos das T-shirts, nos tênis, nas calças jeans, nos óculos escuros; as remediadas que há pouco tempo pisaram pela primeira vez num Aeroporto estão com seus vestidos de ir ao batizado do sobrinho com sapato de salto alto, portando celulares que tem cores e brilhos os mais diversos; as mais jovens com as unhas

pintadas de azul como a protagonista da novela global das oito, que só começa depois das nove; os rapazes, como se estivessem assistindo futebol na sala de suas casas com os amigos, vestem camisetas regatas e tênis espalhafatosos, de preferência nike; as crianças estão vestidas como se fossem adultos mirins mostrando o quanto estamos alimentado uma geração de precoces.

As TVs estão todas ligadas nos programas esportivos. Há as que televisionam o último treino dos portugueses e reclamam que eles não foram simpáticos; outras reportagens mostram os franceses bem recebidos em Ribeirão Preto onde o jornal local passou a fazer uma edição em francês para agradar a ilustre seleção; uma terceira mostra o enterro do sobrinho do Filipão no Rio Grande do Sul; outras tantas rememoram outras Copas e mostram Pelés, Garrincha, Zicos, Ronados e Ronaldinhos...

Na maior parte dos restaurantes e lanchonetes, os copos de cerveja mostram que o espírito é de férias. Aqui e ali se ouve alguém comentar as possíveis escolhas do técnico; fazer referência ao azar que pode dar o juiz escalado para apitar o primeiro jogo ser o mesmo que já apitou outro em que o Brasil perdeu; perguntar o preço da camiseta verde amarela da vitrine; ou comentar o pronunciamento da Dilma ontem na TV.

O inusitado é que, até onde alcança minha observação, tudo está funcionando direitinho. Os banheiros foram renovados e tem alguém fazendo a limpeza todo o tempo. Os restaurantes foram ampliados e exibem seus menus nas entradas em duas ou três línguas (português, inglês e espanhol). Os policiais passeiam em grupos de três ou quatro acompanhados de cães farejadores. Os funcionários das empresas associadas ao turismo carregam seus “pirulitos no alto” exibindo a CVC, o Hotel Continental, o Marriott, a Decolar ponto com etc.

No Restaurante Viena onde almoço, foi instalada uma cabine para os que quiserem fazer registros fotográficos “fantasiados de Copa do Mundo”. Duas moças vão retirando de uma grande caixa: pompons verdes e amarelos; chapéus de plástico e pano, imitando arlequins, policiais ou palhaços; cabelereiras de nylon; óculos de plástico e vão oferecendo aos candidatos à foto. Elas estão mais animadas que os

próprios fotografados e me pergunto se vieram de Itaquera ou Mogi das Cruzes, se deixaram filhos em casa ou namorados que estão com os olhos grudados nas TVs... Os candidatos à foto são de todos os tipos: rapazes alto que prometem beber todas antes, durante e depois dos jogos; senhoras viúvas ou descasadas vestidas com as mesmas roupas colantes que as jovens; casais com filhos; grupinhos de primos.... São todos parte de um pequeno tempo de brincadeiras.

Em função disso tudo, o que mais me chama atenção é quão especial está o Aeroporto com todos estes tipos e comportamentos fora do presumível, completamente deslocados do que, cotidianamente, vê-se aqui. Há, no jeitão geral, parece-me, certo desejo de um mundo mais lúdico e, como é preciso exagerar no usufruto desta condição, estão quase todos mais ou menos ridículos, o que simplesmente é sensacional, como se pudéssemos pela Copa viver como se estivéssemos em pleno Carnaval.

Amanhã será outro dia. Pode ser que os metroviários se vinguem do Alckmin; os grupos de esquerda, liderados ou não por partidos, procurem o desgaste de Dilma; os blacks blocs aproveitem a situação para protestar; pode ser que os aeroportos não funcionem, que o congestionamento seja quilométrico, que o nosso lado improvise grande do esforço de parecer primeiro mundo...

À parte todas essas possibilidades, a maioria dos brasileiros deverá estar diante da TV, em casa, num bar, na frente de uma vitrine de uma Casas Bahia da vida, sozinho, em família, com os amigos e com os não tão amigos, todos esperando a seleção entrar em campo, para durante algumas horas esquecer-se de tudo mais.

Carminha Beltrão

11 de junho de 2014